

O percurso das claques em Portugal: da espontaneidade à crise de identidade¹

Daniel Seabra

*Universidade Fernando Pessoa, Centro Interdisciplinar de Ciências
Sociais – CICS NOVA, Observatório da Violência Associada ao
Desporto, Observatório Permanente Violência e Crime.*

Resumo

O texto analisa a evolução das claques em Portugal – entendidas como torcidas organizadas no Brasil – desde sua origem espontânea, após a ditadura, até a atual crise de identidade. Em 1976, as claques surgiram pela influência do Movimento Ultra italiano e das torcidas brasileiras. A transição para modelos organizacionais mais complexos e a profissionalização das lideranças geraram tensões que resultaram em cisões importantes, das quais resultaram novas claques que marcaram a história do Movimento Ultra português. A tragédia do *very light* em 1996 teve um impacto devastador, levando mesmo a uma resposta legislativa do Estado português. Combinada com a profissionalização das lideranças, esta resposta criou condições para a fragmentação dos grupos. Atualmente, o crescimento do estilo *Casual* e o afastamento de membros históricos das claques levaram à degradação da qualidade artística do apoio aos clubes e à incerteza quanto à preservação dos valores fundacionais do Movimento Ultra português.

Palavras-chave: claques de futebol; Movimento Ultra; estilo *casual*; violência no desporto; legislação.

Abstract:

The text analyzes the evolution of football supporter groups in Portugal – known in Brazil as organized supporter groups – from their spontaneous emergence after the dictatorship to the current identity crisis. In 1976, these groups emerged under the influence of the Italian Ultra movement and Brazilian organized

¹ Investigação financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

supporter groups. The transition to more complex organizational models and the professionalization of leadership generated tensions that led to significant splits, from which new groups emerged that would mark the history of the Portuguese Ultra movement. The very light tragedy in 1996 had a devastating impact, leading to a legislative response from the Portuguese state. Combined with the professionalization of leadership, this response created conditions that contributed to the fragmentation of the groups. Currently, the growth of the Casual style and the departure of historical members from the supporter groups have led to a decline in the artistic quality of support for clubs and to uncertainty regarding the preservation of the founding values of the Portuguese Ultra movement.

Keywords: ultra groups; ultra movement; *casual* style; violence in sports; legislation.

Introdução

O presente texto resulta da comunicação apresentada no III Colóquio Internacional do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Estudos do Futebol Brasileiro e tem como objetivo central apresentar uma história das claques em Portugal, destacando, sobretudo, os pontos de viragem no percurso destes grupos organizados. As claques são, como definiu Pereira (2002, p. 41), grupos simpatizantes de uma determinada equipa, com nome próprio, que se concentram na mesma zona do estádio incentivando os jogadores por meio de cânticos próprios, bandeiras e cartazes, palmas sincronizadas, ondas, claxons, tochas, potes de fumo etc.

É certo que a generalidade do público que se desloca aos estádios de futebol apoia um clube e estabelece um agregado que pode ser denominado “claque”. No entanto, as claques que este texto abordará são bem mais do que isso. Elas distinguem-se dos demais adeptos que frequentam os estádios, sobretudo pela visibilidade das suas coreografias, adereços, cânticos e símbolos que utilizam (Lago; Biasi, 1994, p. 80–81; Marques; Manuel; Maia, 1988, p. 7). Para a prossecução do objetivo enunciado será considerado o surgimento desses grupos, bem como os principais traços da sua evolução e pontos de mudança.

Importa destacar que este tipo de manifestação organizada de jovens em apoio aos seus clubes só foi possível consolidar-se em Portugal nos anos posteriores a 25 de Abril de 1974, data na qual se pôs fim a uma ditadura de 48 anos. Esta proibia o direito de reunião. As forças policiais afirmavam a impossibilidade de ajuntamentos de mais de três pessoas como expressão grosseira de tal proibição, com o intuito de evitar concentrações de protesto. Por isso, davam a ordem para “circular” aos que se juntavam nas ruas (Santos, 2019, p. 193-194). Se assim era nas vias públicas, e considerando ainda a grande e célebre manifestação pública de protesto levada a cabo pelos estudantes da Universidade de Coimbra no Estádio Nacional, aquando da disputa da Final da Taça de Portugal no ano de 1969 (Coelho; Pinheiro, 2002, p. 484-486), parece evidente que o regime ditatorial instituído nunca permitiria clagues, tal como as conhecemos hoje, como grupos organizados de adeptos.

Não surpreende, face ao exposto, que as clagues, no seu modelo atual, tenham surgido em Portugal apenas no final dos anos 1970. É um aparecimento tardio, quando comparado com as clagues italianas que emergiram logo no final da década de 1960, ou ainda com os Hooligans, já consolidados em Inglaterra durante a mesma década.

Se assim foi com o seu surgimento, também o foi com a investigação sobre elas no âmbito das Ciências Sociais. Salomé Marivoet, bem como Margarida Marques, Fátima Manuel e Paula Maia parecem ter sido pioneiras na análise deste “objeto” de estudo.

O autor deste capítulo procurou dar continuidade à investigação sobre clagues de futebol portuguesas, e o texto que agora se apresenta da mesma resulta. O leitor encontrará no presente texto os pontos marcantes do crescimento desses grupos no país, desde a sua espontaneidade até à sua organização complexa. Identificará também os grandes momentos de mudança, geralmente concretizados por cisões, aumento do número e gravidade de incidentes e ainda por períodos de grande retrocesso, mas também de respostas resilientes desses grupos. Por fim, o texto também permitirá ao leitor conhecer sucintamente o processo de profissionalização que

perpassou as claques e o enquadramento legislativo que sobre elas impende. Estes foram fatores conducentes à fragmentação das claques e à crise do Movimento Ultra, assim como ao crescimento do estilo *Casual*, ambos marcantes e característicos do atual panorama das claques em Portugal. Importa, porém, saber como tudo começou.

O surgimento das claques em Portugal

As claques começaram a ser visíveis nos estádios portugueses logo no ano de 1976, quando grupos de jovens começaram a assistir aos jogos de futebol dos seus clubes num mesmo setor da bancada (Marivoet, 1992, p. 145). Foi, pois, a 18 de março de 1976 que se fundou a Juventude Leonina, mais conhecida por Juve Leo. Esta foi a primeira claque portuguesa a surgir sob influência do Movimento Ultra italiano.²

O nascimento dessa claque, apoiante do Sporting Clube de Portugal, é atribuído a João e Gonçalo Rocha, filhos do então presidente do clube, João Rocha, e ainda a um grupo de jovens amigos estudantes no Colégio São João de Brito, em Lisboa (Marivoet, 1992, p. 145). Curiosamente, alguns destes jovens regressaram do Brasil, após terem emigrado com as suas famílias na sequência do contexto sociopolítico posterior ao já aludido 25 de Abril de 1974. Receberam, por isso, a influência das torcidas organizadas brasileiras e isso revelou-se fundamental para a mentalidade inicial desta claque. Esta

2 O Movimento Ultra surgiu em Itália no final da década de 1960, definindo-se por um apoio militante, radical e incondicional aos clubes de futebol (Adan, 2004, p. 87; Podaliri; Balestri, 1998, p. 88; Roversi; Balestri, 2002, p. 134). Diferencia-se do hooliganismo pela sua organização estruturada e hierarquizada, focada na militância dos membros e na estética do espetáculo (Lago; Biasi, 1994, p. 80–83; Podaliri; Balestri, 1998, p. 91). As suas principais marcas são as coreografias elaboradas (“tifos”), o uso de bandeiras, pirotecnia e cânticos ininterruptos, combinando influências das torcidas brasileiras e do estilo inglês. Enraizado num contexto de forte politização juvenil, o movimento expandiu-se pela Europa do Sul, consolidando uma subcultura que privilegia a defesa do território e a identidade coletiva em torno das cores do clube (Lago; Biasi, 1994, p. 80–81).

influência também se fez sentir pela presença nos estádios de um grupo de jovens estudantes brasileiros denominados Vapores do Rêgo. Os membros deste grupo levavam batuques para apoiar o clube (Costa, 2018). Um dos membros da Juventude Leonina sublinhou explicitamente esta influência, afirmando: “Eu garanto que as claques do Sporting são baseadas nas ideias das claques brasileiras. Era essa a ideia, o fumo que usávamos, os pós na cara, pó de talco e farinha, as bandeiras de bambu...” (Marivoet, 2002, p. 167).

Os objetivos iniciais desta claque passavam pela promoção de uma forma diferente de estar no futebol. Uma participação alegre e um ambiente de festa, dando grande ênfase à dimensão espectacular no apoio à equipa. Este primeiro objetivo foi rapidamente alcançado. Desde o início, a Juve Leo empregou materiais típicos do Movimento Ultra, como bandeiras gigantes, tochas e potes de fumo, utilizando-os em coreografias que constituíam “um espetáculo exuberante de cores, movimento e luz” (Marques; Manuel; Maia, 1988, p. 12).

Foi, contudo, a década de 1980 que registou o surgimento de muitas claques em Portugal. Algumas nasceram a partir de grupos de escola, e isso foi um denominador comum a vários destes grupos. A claque Dragões Azuis, fundada em 1982 para apoiar o Futebol Clube do Porto, nasceu entre colegas que estudavam no Colégio Universal (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 31-32). Um dos participantes lembrou assim o momento da fundação: “Começamos a levar umas bandeiras e aí é que se fundou o Dragões Azuis. Mais tarde [...] com o pessoal da Escola Rodrigues de Freitas”. A Fúria Azul, criada em 1984 para apoiar o Clube de Futebol “Os Belenenses”, também surgiu em contexto escolar: “Conhecíamos-nos da escola, da vizinhança... e de ir aos jogos todos os domingos. Eu fui um dos fundadores. O meu objetivo era oficializar a claque [...] para que toda a gente soubesse da existência” (Marivoet, 2002, p. 167).

As muitas claques que surgiram nos anos 1980 marcaram, como referiu Almeida (2006, p. 8), “uma ruptura com a forma tradicional, pois

privilegiam a componente espetáculo do jogo, no qual pretendem ser espectadores/actores através do apoio que prestam à sua equipa”.

Da espontaneidade à organização formal

Este crescimento foi acompanhado por uma maior organização dos grupos, sendo esse o primeiro elemento relevante na evolução das claques em Portugal. Elas passaram a adotar modelos de gestão semelhantes aos dos próprios clubes, com a constituição de direcções e a repartição de responsabilidades por setores específicos, como a organização de viagens, a produção de materiais ou a gestão financeira.

Um elemento crucial nesta estruturação foi a criação de “núcleos”, os quais tornaram-se uma forma de organização de base que assegurava notável capilaridade territorial. Os núcleos eram subgrupos das claques organizados por laços de vizinhança ou amizade. Essa estrutura facilitava a expansão do grupo e otimizava a comunicação entre as lideranças e os membros de diferentes regiões, sendo mediada diretamente pelos chefes de cada núcleo (Marivoet, 1992, p. 147).

A busca por reconhecimento e apoio das direcções dos clubes foi outro passo para a organização e institucionalização das claques. No caso da Juve Leo e dos Dragões Azuis, a presença dos filhos dos respectivos presidentes facilitou esse processo.

Mas o relacionamento entre claques e as direcções dos clubes não foi fácil. Durante os períodos eleitorais dos clubes, as claques tornaram-se um importante trunfo, empenhando-se ativamente no apoio a candidatos em troca de promessas de apoios como bilhetes ou transporte. Contudo, por vezes, os eleitos “esqueciam” as suas promessas. Um dos líderes de uma claque deu conta disso nos seguintes termos: “Nas eleições e durante o período da campanha, deram-nos apoio, carrinhas e até bilhetes. Não tínhamos que pagar nada... Depois, após terem ganho as eleições, deixaram de nos apoiar. Eu acho que nos usaram um bocado” (Marivoet, 2002, p. 168).

As claques Juve Leo, Dragões Azuis e Diabos Vermelhos (fundada em 1982 para apoiar o Sport Lisboa e Benfica) foram reconhecidas e apoiadas pelos clubes a partir de 1982. Mas desde 1985 assistiu-se a um aumento muito significativo no número de claques em Portugal. Quase todos os clubes do principal campeonato de futebol português eram apoiados por uma claque, e alguns deles por mais de uma. A expansão desses grupos foi de tal forma significativa que se chegou ao ponto de ter sido fundada, em 1989, uma Federação de Claques, tendo a direção sido eleita em assembleia geral ocorrida em Coimbra (Marivoet, 1992, p. 148).

No entanto, não há consenso sobre os relacionamentos que à época se estabeleciam entre as claques. Alguns fundadores destacam as boas relações que possibilitavam, até, o convívio desses grupos e a realização de jogos de futebol, os quais recordam com saudade. Outros, porém, ressaltam que as relações de amizade eram estabelecidas apenas entre alguns membros das diferentes claques, não resultando na convivência generalizada dos grupos. Ao invés, recordam antes confrontos graves ocorridos nessa época, com alguns a considerar que a violência, ainda na década de 1980, era bem mais intensa do que atualmente. Atente-se às palavras de um fundador de uma claque: “As situações que eu vejo hoje em dia não têm nada a ver. Era muito pior. Mas muito, muito, muito pior.” Este fundador relatou assim uma situação de violência vivida por ele:

Foi das cenas mais difíceis que eu passei. Nós estávamos para vir embora e, de repente, o viaduto estava cheio, e nós metidos sempre na camioneta. Não havia polícia. [...] E então eles começaram a partir os vidros da camioneta. E eu viro-me para o pessoal e digo: vamos ficar aqui? E eu estava a dizer isto, e um deles sai de pistola em punho da camioneta e pum pum pum. E era quem mais fugia. Nós, cerca de 20 a 30 gajos atrás de 400 ou 500 gajos. E eles a fugirem (Seabra, 2019, p. 69).

O crescimento das claques em Portugal

O nascimento da claque Super Dragões é ilustrativo de um ponto fulcral na evolução das claques em Portugal. Se é certo que, da segunda metade da década de 1980 ao início da década de 1990, algumas das claques acabaram por se extinguir, outras emergiram em consequência de cisões nas claques já existentes. O Super Dragões, fundado a 30 de novembro de 1986, e mais tarde a claque No Name Boys, apoiante do Sport Lisboa e Benfica, cuja fundação é apontada para 4 de março de 1992, são disso os exemplos mais significativos. Estas cisões são muito importantes, não apenas por ocorrerem em claques apoiantes de dois dos principais clubes de Portugal, mas também porque, das mesmas, nasceram duas que marcaram, indelevelmente, a história das claques em Portugal. As cisões continuaram, como se mencionará no presente texto, a ser marca do percurso das claques em Portugal.

Sobre o nascimento dos Super Dragões e dos No Name Boys, importa referir que foram fundados, respetivamente, por dissidentes das claques Dragões Azuis e Diabos Vermelhos. Discordâncias relacionadas com a gestão das finanças das claques, mas também com a forma como estas apoiavam o clube, foram as razões apontadas para a rutura. Destaque-se que o apoio financeiro dos clubes, bem como dos patrocinadores, conferiam aos grupos verbas avultadas. Surgiram, então, suspeitas e acusações de aproveitamento pessoal de dinheiro por parte de alguns elementos relevantes nos grupos. A cisão que conduziu ao surgimento dos No Name Boys foi explicada nos seguintes termos por um líder dos Diabos Vermelhos: “Foi uma questão de dinheiro. Falando bem e depressa, foi. Houve desconfiança que alguém metia dinheiro ao bolso” (Seabra, 2019, p. 71).

No que diz respeito ao apoio ao clube, alguns daqueles que vieram a liderar as novas claques explicaram que os apoios e os patrocínios permitiram bilhetes e viagens mais baratas – por vezes com gratuidade – o que foi aproveitado por alguns que integravam a claque. Mas estes não tinham depois a militância e o desempenho de apoio ao clube no estádio consentâneo

com o que se espera de um membro de claque que se rege pelos princípios do Movimento Ultra. Exemplo disso foi a dissidência de alguns membros da claque Dragões Azuis (a primeira que apoiou o Futebol Clube do Porto) para os Super Dragões. Um deles lembrou que os Dragões Azuis “viviam sob a capota da direção e não faltava dinheiro para nada. Ou não parasse por lá o filho do presidente do clube durante vários anos”. Outro membro desta claque recordou as pessoas “com mais de 50 anos no meio de malta jovem”. Quando questionado se tal presença tinha como objetivo o mero aproveitamento dos descontos, respondeu: “Exactamente. E depois não passava de ‘malhão malhão’, e não deixavam os jovens implementar novas formas de apoio, similares às claques italianas, onde nasceu o Movimento Ultra”.³

Na verdade, o surgimento dos Super Dragões em 1986 e dos No Name Boys em 1992 potenciou o crescimento do Movimento Ultra em Portugal, mas não apenas na sua dimensão quantitativa já aludida. Para além de congregarem mais membros, os grupos procuraram melhorar bastante a qualidade das suas coreografias – e nisso tiveram sucesso. Os extintores anteriormente usados para provocar nuvens de fumo colorido com as cores do clube foram substituídos pelas tão desejadas tochas, agora já presentes em Portugal, emulando-se assim as manifestações coreográficas tão comuns em Itália.

O conhecimento acerca da forma como as claques de outros países – sobretudo de Itália e Espanha – atuavam, vinha de revistas como a *Super Tifo* e a *Super Hincha*, que circulavam nos estádios portugueses. Estas revistas publicavam também anúncios de nome e morada de membros de claques estrangeiras interessados em trocar correspondência e materiais, como cachecóis e outros, para coleções. Com essas trocas circulavam, obviamente, informações sobre o desempenho das mais importantes claques da Europa.

3 Sobre esta cisão e sobre a fundação dos Super Dragões, consulte-se Seabra (2019, p. 93-99).

Voltando às duas principais claques que por esta época nasceram como resultado de cisões, importa referir que se os Super Dragões já tinham constituído um passo relevante na evolução do desempenho coreográfico destes grupos, os No Name Boys concorreram para um novo ponto de viragem do Movimento Ultra em Portugal. Um dos líderes da claque Diabos Vermelhos destacou assim a relevância do surgimento dos No Name Boys:

Eu lembro-me da estreia dos No Name contra o Sparta de Praga, em que nessa semana sai uma notícia deles com uma bruta to-chada e a dizer aí estão os No Name Boys. Era o melhor cartão de visita. Quem gostava de claques comprava o *Record* naquele dia só para ter acesso a isso. Os No Name, quando apareceram, apareceram mesmo em força e com bom material (Seabra, 2019, p. 71-72).

A qualidade das coreografias apresentadas por esta claque foi conducente a uma competição com Super Dragões e Juve Leo, com estas a procurar melhorar o seu desempenho no apoio aos seus clubes.

O aumento do número de incidentes

Mas esta competição contribuiu também para um aumento das confrontações entre membros das claques que apoiavam o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal e o Futebol Clube do Porto. Um dos líderes dos Super Dragões nestes anos recordou que “houve uma melhoria global no movimento, mas também aumentaram os incidentes”. Isto é confirmado por um líder da claque Diabos Vermelhos nos seguintes termos: “Havia rivalidades entre os Diabos e qualquer dos grupos. Mas as coisas tinham uns certos limites que eram naturalmente impostos. E parece-me que os No Name, quando surgiram, vieram quebrar esses limites” (Seabra, 2019, p. 72).

Estas duas vertentes da evolução das claques refletiu-se também na comunicação social. O jornal desportivo *Record* publicava à época, uma

vez por semana, uma página que designava como “A Voz das Claques”. Mais tarde, seria o jornal *Norte Desportivo* a publicar a página “Tribuna das Claques”. Ambas as publicações apresentavam notícias e fotografias das claques. Muitos membros das claques reconheceram que compravam sempre o jornal naquele dia, pois estas páginas funcionavam como um veículo de divulgação que colaborava para o crescimento do movimento. Para tal contribuiu também a criação da *Super Ultra*, revista muito semelhante às publicações estrangeiras já mencionadas.

No entanto, o teor das notícias potenciava, simultaneamente, as rivalidades e a competição entre os grupos. Do aumento de tensão resultou uma série de incidentes violentos que dominaram as notícias e chocaram a opinião pública. A transmissão televisiva, a 3 de janeiro de 1993, de um jogo entre o clube de futebol Os Belenenses e o Sport Lisboa e Benfica, disputado no estádio do Restelo, deu a ver aos portugueses incidentes chocantes. Durante o intervalo do jogo, elementos das claques benfiquistas dirigiram-se ao marcador do jogo (à época ainda manual) e alteraram-no, colocando placas que indicavam uma vantagem expressiva do seu clube. Quando o funcionário do Belenenses se aproximou para intervir, foi agredido por alguns desses integrantes, ainda que outros membros do mesmo grupo tenham tentado proteger a vítima. Tais factos provocaram a indignação dos adeptos belenenses e a reação da sua claque. Um confronto entre os grupos foi evitado graças à intervenção policial. Durante estes acontecimentos, foi exibida, por membros das claques benfiquistas, uma bandeira com a cruz suástica. Apenas dois dias depois desses incidentes⁴, a direção do Sport Lisboa e Benfica decidiu cessar o apoio às suas claques.

Grande impacto, porque também transmitidos em direto pela televisão, tiveram os confrontos que se verificaram a 2 de abril de 1995, em jogo disputado em Guimarães entre o Vitória Sport Clube e o Futebol Clube

4 Estes incidentes ainda podem ser observados no vídeo disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/disturbios-entre-claques-desportivas/?utm_source=chatgpt.com (acessado em 30 abr. 2026).

do Porto. Já depois de terem ocorrido distúrbios fora do estádio, membros da claque Super Dragões, aproveitando uma bancada em obras, invadiram o relvado, no qual exibiram cachecóis do clube, em clara provocação aos adeptos vitorianos. Em consequência, membros das claques do clube visitado entraram também no relvado, e os confrontos sucederam-se, atrasando mesmo o início do jogo.⁵ Após este, os confrontos continuaram, dentro e fora do estádio (Barbosa; Brandão; Tadeu, 1995, p. 16-17).

Estes incidentes geraram um período de grande turbulência no seio dos Super Dragões, da qual resultou a mudança de direção do grupo, mas também a fratura da claque em duas partes. O mau ambiente levou a que os Super Dragões migrassem para outra bancada, para se afastarem de outros que decidiram permanecer no mesmo setor do estádio. Os que se mantiveram neste setor passaram a ser os Ultras Porto (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 41). Esta cisão pouco durou, e o reagrupamento aconteceu. No entanto, três membros dos Super Dragões, não vendo evolução no mau ambiente (registavam-se furtos dentro do próprio grupo) nem no desempenho da claque, decidiram formar uma nova claque. Surgiu, então, a 6 de julho de 1995, o Colectivo Curva Norte, que mais tarde alterou o nome para Colectivo Ultras 95 (Azevedo; Bondoso, 2021, p. 44). Esta claque viria a ter um papel significativo no panorama do Movimento Ultra português do século XXI, sobretudo pela qualidade das suas coreografias, reconhecida até por membros de claques apoiantes de clubes adversários.

Voltando aos incidentes sumariamente relatados, importa considerar que eles dão informação bastante para que se perceba o contexto que as claques viviam durante a primeira metade da década de 1990. Entenderam então as claques ser necessário um debate sobre os caminhos futuros do Movimento Ultra. Em maio de 1994 realizou-se um congresso de claques, destinado a analisar os problemas e a propor soluções. Testemunhos deste encontro são mais reveladores de atos criticáveis (fala-se de consumo

5 Estes incidentes podem ser vistos no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jQc8xy1G9xw> (acessado em 30 abr. 2026).

excessivo de álcool e pratos partidos durante um jantar) que de conclusões pertinentes. Um elemento dos Diabos Vermelhos recordou esses tempos afirmando:

Eu hoje olho para os congressos há 10 anos, e hoje temos os mesmos problemas: a polícia e a comunicação social a descascarem em nós. E nós passávamos muito tempo a falar nisso e pouco se decidia. Ao fim e ao cabo os congressos valiam mais pelo convívio e pela troca de experiências do que pela própria discussão em si (Seabra, 2019, p. 73).

No ano seguinte, em Ílhavo, decorreu outro congresso de claques considerado mais proveitoso, porque “falaram de coisas mais concretas”. O elemento dos Diabos Vermelhos que proferiu estas palavras acrescentou o seguinte: “O congresso de Ílhavo foi mais proveitoso. Para já foi mais calmo e um pouco mais responsável. Já tínhamos a experiência do primeiro e já se falaram de coisas mais concretas e na altura, embora, se calhar, a nível de ações não houvesse nada visível exteriormente” (Seabra, 2019, p. 73–74).

Mas apesar das boas intenções enunciadas nos congressos pelos líderes das claques, a escalada de incidentes violentos (dos quais se referiram apenas os principais) continuou e atingiu o seu momento mais grave em 1996, num evento trágico que forçaria, de forma definitiva, uma intervenção estatal e redefiniria o enquadramento do Movimento Ultra em Portugal.

A tragédia do very light

A 18 de maio de 1996, durante a final da Taça de Portugal entre o Sport Lisboa e Benfica e o Sporting Clube de Portugal, disputada no Estádio Nacional, um membro da claque No Name Boys disparou um very light (artefacto pirotécnico de sinalização marítima). O projétil atravessou o estádio e atingiu mortalmente um adepto do Sporting Clube de Portugal.⁶

6 Imagens deste incidente podem ser vistas no vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjgF04eNfKY> (acessado em 30 abr. 2026).

A tragédia chocou profundamente não apenas a opinião pública, mas também o próprio Movimento Ultra. Esta crise desencadeou ainda uma resposta legislativa firme por parte do Estado, alterando a relação entre as claques, os clubes e as autoridades.

Este episódio trágico marcou o fim de um período e o início de uma profunda crise para todo o Movimento Ultra. Como recordou um dos líderes dos Super Dragões, as claques entraram em clara perda, tanto em quantidade quanto em qualidade. Nesta claque, por exemplo, o número de membros em deslocações diminuiu drasticamente, e a qualidade do apoio ressentiu-se.

Esta crise do Movimento Ultra em Portugal acabou por constituir um ponto de viragem. A resposta do Estado Português a este problema veio muito pela via legislativa. Iniciando-se pela Lei n.º 38/1998, à qual seguiram-se as leis n.º 16/2004 e n.º 39/2009 – esta última foi reformulada pelas leis n.º 52/2013, n.º 113/2019 e ainda pela Lei n.º 40 de 2023. Todo este enquadramento legal tinha como objetivo estabelecer um regime jurídico de prevenção e combate à violência nos espetáculos desportivos, no qual foram também contemplados o racismo, a xenofobia e a intolerância. Alguns dos artigos abrangeram as claques, designadas nas lei como “grupos organizados de adeptos”.

Considerando tais artigos, é possível identificar uma estratégia do legislador no sentido de melhor vigiar, identificar e punir os responsáveis pelos atos de violência. Obviamente que a evolução do enquadramento legal contemplou sempre sanções para aqueles que praticavam atos de violência. Os resultados de algumas das medidas tornaram-se evidentes, sobretudo ao nível das infraestruturas dos estádios em Portugal. Mas nem sempre os objetivos da legislação foram atingidos. De alguns pontos da legislação emergiram até efeitos perversos que serão mais tarde mencionados.

As claques no século XXI

Se os últimos anos do século XX foram de crise para o Movimento Ultra em Portugal, o início do século XXI ficou marcado por um período de

reinvenção estratégica e resiliência. Confrontados com o novo contexto legal, os grupos que sobreviveram à crise da década de 1990 adaptaram-se. Ficaram, então, os membros mais dedicados aos valores essenciais do movimento, o que impulsionou uma nova fase de crescimento assente em novas dinâmicas de apoio e comunicação.

O ressurgimento

Assistiu-se a um claro ressurgimento da qualidade do apoio nas bancadas. A Juve Leo, impulsionada pelo sucesso desportivo do clube, destacou-se com espetáculos de luz e som, culminando na edição de um CD com os seus cânticos.⁷

Esse dinamismo induziu outras claques. No início do novo século, o sucesso internacional do Futebol Clube do Porto foi razão bastante para um grande empenho das suas claques apoiantes. A claque Super Dragões registou um crescimento notável do número de membros, com consequente aumento da qualidade e intensidade do apoio vocal à equipa. Tal apoio foi até motivo para a edição de CDs, à semelhança do que já tinha ocorrido com a Juve Leo. As coreografias dos Super Dragões também melhoraram, ainda que neste tipo de manifestação se tivesse destacado a claque Colectivo Ultras 95, reconhecida, como já se disse, pela generalidade daqueles que integram o Movimento Ultra pela sua qualidade, criatividade e dimensão artística.

A internet emergiu então em massa como uma ferramenta fundamental para o crescimento e a comunicação do movimento. O *site* www.ultras12.com (que hoje já não existe) e os seus fóruns de debate tornaram-se espaços centrais para a troca de ideias e divulgação de informação.

⁷ Importa realçar, porém a cisão na claque Juve Leo que ocorreu no ano de 2002 (*Correio da Manhã*, 2002). Divergências entre alguns dos seus líderes – que alguns referem estar relacionadas com as verbas resultantes da venda dos CDs – levaram à formação de uma nova claque denominada Diretivo Ultra XXI.

A primeira década do novo século foi, na verdade, marcada por uma renovação das claques e por uma melhoria da qualidade do seu desempenho nos estádios. Algumas delas, por meio da comercialização do diverso material alusivo ao grupo ou ainda pela venda de bilhetes que recebiam dos clubes, geraram receitas próprias. Contudo, do aumento de recursos financeiros das claques resultaram alguns efeitos perversos.

A profissionalização

A liderança destes grupos como projeto de melhoria das condições de vida pessoal foi então aceite por alguns que reconheceram o mérito do trabalho efetuado em prol do grupo e o tempo investido na tarefa, entendendo por isso como justificados os proventos financeiros. Um dos membros de uma claque na qual este problema se colocava afirmou: “Eles ganham dinheiro, mas também o merecem. Eles também trabalham muito. Eu não sou contra eles ganharem dinheiro” (Seabra, 2019, p. 267).

Outros, porém, são bastante críticos dessa vertente empresarial das claques e encontram nela motivo suficiente para as abandonar. Tomem-se como exemplo duas declarações. Um dos entrevistados referiu o seguinte: “A partir do momento em que as pessoas pensam e olham para a claque como forma de sobrevivência, acho que se começa a perder um pouco o amor à claque” (Seabra, 2019, p. 265). O outro, perfilhando a ideia da claque como empresa, afirmou que ela “tornou-se num negócio e não numa claque” (Seabra, 2019, p. 264).

Efeitos perversos da legislação

Outro motivo de insatisfação conducente ao abandono das claques foram os ditames que decorreram das várias leis que abrangeram as claques e que geraram, como já se disse, efeitos perversos que agora se dão a conhecer.

Na generalidade, o processo legislativo que impendeu sobre estes grupos iniciou-se em 1998 e prolongou-se por mais de 20 anos, tendo por

base quatro pilares essenciais. O primeiro foi a tentativa de condicionar os grupos organizados de adeptos a constituírem-se como associações nos termos gerais do Direito. Não o fazendo, ficavam, à luz da Lei, impedidos de receber os diversos apoios que os clubes de futebol lhes poderiam proporcionar.

Este é um segundo pilar essencial: as claques que não formalizassem a sua existência como associação ficariam impedidas de receber apoios dos clubes.

O terceiro consistiu na tentativa de instituir um processo de identificação apriorístico dos membros das claques, que se iniciou com a obrigatoriedade destes grupos terem de apresentar a diversas instituições do Estado português uma base de dados pessoais identificativos dos seus integrantes. Tal processo continuou com a necessidade de enviar às autoridades uma lista de todos os elementos que participavam em viagens de acompanhamento do clube aos estádios dos adversários, tendo ainda, com o bilhete nominal e a necessidade de aderir ao cartão do adepto, outros passos.

O quarto pilar resulta da tentativa de confinar as claques num sector específico do estádio, sendo que só neste podem usar os adereços geralmente empregues para apoiar a equipa. Perante estas condicionantes, não foram poucos aqueles que preferiram abandonar as claques e enveredar por outro estilo.

O crescimento do estilo *Casual*

Começou assim a crescer o estilo *Casual* em Portugal, para o qual confluíram, não só estes que abandonaram as claques em consequência da legislação, mas também aqueles que discordaram da já referida vertente empresarial destes grupos e dos proventos financeiros que alguns líderes deles obtiveram.⁸

⁸ O estilo *Casual* é uma subcultura juvenil britânica que emergiu no final da década de 1970 e está intrinsecamente ligada ao futebol e ao hooliganismo. Diferencia-se de

No dia 27 de outubro de 2013, cerca de uma centena de adeptos do Sporting Clube de Portugal procurou forçar a entrada no Estádio do Dragão. Envergavam vestuário escuro e não ostentavam quaisquer símbolos ou elementos que permitissem a sua identificação clubística. Não lograram os seus objetivo, pois foram impedidos pelos assistentes de recinto desportivo e ainda agredidos por alguns membros de uma claque.

Este incidente foi transmitido em direto pela televisão, e os portugueses não mais puderam ignorar a presença dos *Casuals* no país.⁹ Os distúrbios provocados por *Casuals* ocorriam já em Portugal durante a primeira década do século XXI. A 27 de fevereiro de 2008, Seabra já fazia o seguinte alerta: “O estilo *Casual* está a ganhar força”, também afirmando que a legislação “está a empurrar para o estilo *Casual*” (Público, 2008). Na mesma notícia, Marivoet reconheceu a existência de “indícios que apontam para um agravamento”.

Novos incidentes

Após os incidentes às portas do Estádio do Dragão, e ao longo da segunda década do século XXI, outros confrontos foram ocorrendo em vários jogos, nos quais participaram grupos de *Casuals* associados a vários clubes. Já perto do final desta década, a Polícia de Segurança Pública reconhecia o

subculturas anteriores, como os *skinheads* ou *mods*, pela rejeição de “uniformes” óbvios (como botas militares ou cores do clube) em favor de roupas de marcas de luxo. A ação dos *Casuals* é caracterizada por três pilares fundamentais: moda, futebol e violência. Na verdade, as roupas de marca que envergam são um dos seus sinais distintivos. Elas revelaram-se também úteis para os *Casuals*, pois estes procuravam evitar o controlo policial e a deteção por parte de grupos rivais. A sua ligação ao futebol decorre do facto de serem uma derivação do hooliganismo. Em resposta a uma crescente vigilância policial, procuraram furtar-se à mesma, para continuarem assim a envolver-se nos confrontos que planeavam ter com grupos rivais apoiantes de outros clubes. Para um melhor conhecimento deste estilo consulte-se Blanco (2019); Collinet, Moreau e Bonomi (2008); Jones (2023; 2024); Redhead (2012); Thornton (2003).

9 Imagens destes incidentes podem ser vistas em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0cnH1ADqrg&t=224s> (acessado em 30 abr. 2026).

aumento deste estilo em Portugal, pois perto de 1.000 *Casuals* estavam já referenciados (Marcelino, 2018).

Ainda sobre esse período, importa salientar que ficou marcado por eventos de grande gravidade, dos quais a responsabilidade não pode ser exclusivamente atribuída aos *Casuals*, pois membros das claques também participaram. De tais incidentes são exemplos as agressões a jogadores do Vitória Sport Clube perpetradas, em janeiro de 2018, por cerca de 30 membros das claques que invadiram o centro de treino do clube (Diário de Notícias, 2018a).

Outros episódios violentos ocorreram e foram profusamente noticiados por envolverem as claques dos três principais clubes portugueses e, por isso mesmo, geraram alarme social. Noticiadas e comentadas durante vários dias foram as agressões aos jogadores do Sporting Clube de Portugal quando, a 15 de maio de 2018, cerca de 50 elementos invadiram o centro de estágio do clube em Alcochete (Diário de Notícias, 2018b).

Mas um ano antes, algo ainda mais grave aconteceu. A 22 de abril de 2017, um adepto morreu na sequência de confrontos entre membros das claques do Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica (Diário de Notícias, 2017).

Já na década que agora decorre registaram-se atos de violência extrema que foram alvo de grande destaque noticioso. Em abril de 2022, membros da claque No Name Boys violaram um jovem de 16 anos, vindo posteriormente a ser condenados em tribunal pelo facto, mas também por roubo, ofensa à integridade física qualificada, violação agravada, gravações ilícitas, coação agravada, tráfico de droga, desobediência e posse de arma proibida (Matos, 2025). Já em fevereiro de 2023, e na sequência de vários confrontos provocados por *Casuals*, a polícia deteve 30 indivíduos, sendo que alguns tinham na sua posse artefactos pirotécnicos, armas e estupeficientes (Guilherme, 2023).

Grande impacto tiveram também os confrontos ocorridos numa assembleia geral de associados do Futebol Clube do Porto, a 13 de novembro de 2023. O evento decorreu num ambiente marcado por insultos, intimidação,

coação e alguns confrontos entre associados, num clima tumultuado pela presença de apoiantes ligados à claque Super Dragões. Foram registados episódios de ofensas, ameaças e agressões físicas entre sócios e, segundo a investigação, tentativas de condicionar o decorrer normal do evento (Record, 2023). Os incidentes foram investigados pelo Ministério Público, e 12 pessoas foram detidas. Entre outras condenações, destacou-se a prisão efetiva aplicada ao líder da claque Super Dragões (RTP, 2025).

Realce-se ainda o ataque perpetrado por *Casuals* do Sporting Clube de Portugal a adeptos do Futebol Clube do Porto, após um jogo de hóquei em patins disputado a 10 de junho de 2025 (Ribeiro, 2025), assim como os confrontos ocorridos entre *Casuals* do Sporting Clube de Portugal e do Sport Lisboa e Benfica, precisamente antes de um jogo de futsal entre estes dois clubes (Vitorino, 2026).

Desempenhos positivos das claquas

Importa, porém, destacar que ainda que se considere a existência de outros incidentes para além dos mencionados, tal não permite reduzir o Movimento Ultra e o estilo *Casual* à prática de atos violentos. Obviamente que não recebem o mesmo destaque da comunicação social as ações de solidariedade e apoio comunitário que as claquas por vezes desenvolvem. Disso é exemplo a recolha de bens essenciais para apoio aos bombeiros portugueses em tempo de fogos florestais, as quais foram levadas a cabo pelas claquas Colectivo Ultras 95 e Super Dragões, ambas apoiantes do Futebol Clube do Porto (Jornal de Notícias, 2024). Sobre os Super Dragões refira-se ainda a oferta de uma cadeira de rodas elétrica e personalizada a um adepto do clube (Duarte, 2023). Outro exemplo resultou do apelo e da participação da claque Diretivo Ultras XXI, apoiante do Sporting Clube de Portugal, na recolha de bens essenciais para ajudar as vítimas da tempestade Kristin (Record, 2026).

Esses são apenas alguns exemplos de outras ações do mesmo tipo que algumas claquas procuram ocultar, para que estas não sejam entendidas

como forma de “branquear” o seu comportamento violento. Esta acusação está muito presente na opinião pública e, por isso, o líder de uma claque afirmou que nunca revela tais ações, pois pretende que a imagem do grupo melhore em função do bom comportamento dos seus membros, e não por ações beneméritas que, segundo ele, são sempre entendidas como “limpeza de imagem”.

Face ao exposto, reitera-se que a evolução do Movimento Ultra português no século XXI tem outros contornos, muito para além dos incidentes. Para os conhecer, importa voltar à dimensão empresarial e profissionalizante que perpassou algumas claques, bem como às consequências da legislação.

Fragmentação e degradação do Movimento Ultra

Relativamente à primeira, alguns dos entrevistados referem a perda de qualidade das coreografias apresentadas pelas claques. Decididas pelos líderes de grupos com poder financeiro bastante para encomendar a execução do material coreográfico, este deixou de ser pintado manualmente, passando antes a resultar de um trabalho industrial mais standardizado. Por isso são vários os membros das claques que lamentam coreografias “monocromáticas”, estereotipadas e pouco criativas. Entendem também que se perdeu o tempo de convívio e sociabilidade que existia quando da preparação dos materiais coreográficos a apresentar nos estádios.

No que diz respeito à legislação, os elementos da claque referem que ela tem prejudicado o desempenho das claques nos estádios de futebol. Algumas claques recusam tornar-se associações. Alguns dos seus membros recusam também apresentar os seus dados de identificação. Não cumprindo o que o legislador pretende, os grupos e seus membros ficam impedidos de receber apoios por parte dos clubes e de manifestarem o apoio aos mesmos, com recurso aos materiais que habitualmente utilizam. Estes só podem ser utilizados nas zonas com condições especiais de acesso e permanência criadas pela legislação; as claques não podem usar materiais

superiores a 1,2 m. Mesmo dentro de tais zonas, são muitos os elementos dos grupos que se queixam das arbitrariedades das forças de segurança, assim como dos clubes, pois divergem os critérios pelos quais são admitidos, ou não, determinados materiais das claques. Da crescente insistência na proibição da pirotecnia resulta também grande insatisfação por parte das claques. Importa considerar que os imperativos legais que condicionam as claques está também associado a um quadro sancionatório que os elementos das claques consideram excessivos.

Estabelece-se assim uma configuração de fatores que predispõem e precipitaram a fragmentação das claques, pelo abandono de alguns membros e transferência de outros para o estilo *Casual*. A dimensão empresarial das claques, assim como a perda de condições que possibilitam a livre expressão do apoio aos clubes nos estádios no quadro típico e caracterizador do Movimento Ultra levou, como seria de esperar, a uma crise de identidade do Movimento Ultra em Portugal, a qual foi também reforçada pelo abandono dos membros mais velhos destes grupos. Tendo sido sempre peñhor dos valores do movimento, a substituição destes por elementos mais jovens concorreu também para a crise mencionada que perpassa hoje várias claques portuguesas.

Considerações finais

A história das claques em Portugal evidencia que estas passaram por diversas transformações ao longo de 50 anos. Os grupos iniciais, espontâneos e festivos, foram crescendo no sentido de se tornarem organizações complexas, atualmente perpassadas por uma fragmentação dos grupos e por uma crise de identidade. O que emergiu em 1976 como uma “maneira diferente de estar no futebol”, fortemente influenciada pelas torcidas brasileiras e pelo Movimento Ultra italiano, consolidou uma subcultura de “espectadores-atores” que redefiniu a estética do apoio nos estádios por meio de coreografias exuberantes e cânticos. No entanto, o crescimento das claques foi acompanhado por cisões de algumas, muitas vezes motivadas

por divergências na gestão de verbas e na busca por uma militância mais fervorosa. Destas cisões resultaram os Super Dragões e os No Name Boys, duas claques fundamentais no panorama do Movimento Ultra português.

Este foi tragicamente marcado pela morte de um adepto, em consequência da deflagração de um *very light* em 1996. O funesto acontecimento chocou a opinião pública e impeliu uma intervenção estatal definitiva que encerrou o período de relativa espontaneidade e iniciou um enquadramento legislativo cada vez mais restritivo. A estratégia do legislador, assente na obrigatoriedade da constituição de associações, no registo de dados pessoais e no confinamento a setores específicos, procurou identificar e punir os infratores, mas acabou por gerar efeitos perversos. Ao invés de erradicar a conflitualidade, a pressão legal, somada à crescente “dimensão empresarial” de algumas lideranças – em que o lucro pessoal se sobrepôs, no entendimento de alguns, aos valores do grupo –, levou ao afastamento dos membros mais velhos e à perda da qualidade artística das coreografias, agora mais industriais e standardizadas.

Atualmente, o Movimento Ultra português enfrenta um processo de fragmentação. Cresce também o estilo *Casual*. Este representa uma nova forma de vivência do contexto futebolístico, marcada pela violência, que se afasta do modelo formal das claques tradicionais.

A evolução aqui traçada demonstra que estes grupos são fenómenos sociais complexos, cujas mutações continuam a refletir o conflito entre a paixão pelo jogo, a necessidade de ordem pública e a mercantilização das estruturas de apoio, deixando o Movimento Ultra num estado de incerteza quanto à preservação dos seus valores fundacionais.

Referências bibliográficas

ADAN, Tereza. Ultras. Culturas del Fútbol. *Estúdios de Juventud*, n. 64, p. 87-100, 2004.

ADEPTOS invadem centro de treinos e agredem jogadores do V. Guimarães. *Diário de Notícias*, Lisboa, 17 jan. 2018a. Disponível em: <https://www.>

dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/adeptos-invadem-centro-de-treinos-e-agridem-jogadores-do-v-guimaraes-9053855.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

ALMEIDA, Pedro. *Violência e Euro 2004: a centralidade do futebol na cultura popular*. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, 2006.

ASSEMBLEIA geral do FC Porto suspensa e adiada após mais agressões no Dragão Arena. *Record*, Porto, 14 nov. 2023. Disponível em: https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/fc-porto/detalhe/assembleia-geral-do-fc-porto-em-direto?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

AZEVEDO, Hélder; BONDOSO, Miguel. *Porto*: 6 de julho de 1995. Porto: Edição própria, 2021.

BARBOSA, Alberto; BRANDÃO, Manuela; TADEU, Francisco. O filme dos acontecimentos. *O Jogo*, n. 4, p. 16-17, abr. 1995.

BLANCO, César. Los orígenes de la cultura *casual*: hooliganismo y moda en Gran Bretaña. *Culture & History Digital Journal*, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2019.

CLAUQUE do Sporting junta-se a onda de solidariedade para com os afetados da tempestade Kristin. *Record*, Lisboa, 30 jan. 2026. Disponível em: https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/sporting/detalhe/claque-do-sporting-junta-se-a-onda-de-solidariedade-para-com-os-afetados-da-tempestade-kristin?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

CLAUQUES do F. C. Porto angariam bens para apoiar os bombeiros. *Jornal de Notícias*, 17 set. 2024. Disponível em: https://www.jn.pt/desporto/artigo/claques-do-f-c-porto-angariam-bens-para-apoiar-os-bombeiros/17831110?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 abr. 2026.

COELHO, João; PINHEIRO, Francisco. *A paixão do povo: história do futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

COLLINET, Cécile; MOREAU, Denis; BONOMI, Julien. Le , un nouveau genre de hooligan. Loin du stade et de la police. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n. 105, p. 36-45, 2008.

CONFRONTOS recentes. *Público*, Lisboa, 27 fev. 2008. Disponível em: <https://www.publico.pt/2008/02/27/jornal/confrontos-recentes-250883#>. Acesso em: 25 abr. 2026.

COSTA, Cátia Andrea. Juventude Leonina: dos meninos do S. João de Brito às agressões em Alcochete. *Sábado*, 12 nov. 2018. Disponível em: https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/juventude-leonina-dos-meninos-do-s-joao-de-brito-as-agressoes-em-alcochete?ref=HP_DestaquesPrincipais. Acesso em: 26 abr. 2026.

DUARTE, Paulo Jorge. Claque surpreende ‘o adepto mais especial do FC Porto’, há 34 anos numa cadeira de rodas. *Correio da Manhã*, 21 jan. 2023. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/claque-surpreende-o-adepto-mais-especial-do-fc-porto-ha-34-anos-numa-cadeira-de-rodas?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

GUILHERME, Carmen. No total, PSP deteve 30 pessoas ligadas a claques do Benfica e Sporting. *País ao Minuto*, 1.º fev. 2023. Disponível em: https://www.noticiasao minuto.com/pais/2180526/no-total-psp-deteve-30-pessoas-ligadas-a-claques-do-benfica-e-sporting?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

JONES, Ben. Football s, Fanzines, and Acid House: Working Class Subcultures, Emotional Communities, and Popular Individualism in 1980s and 1990s England. *Twentieth Century British History*, v. 34, n. 2, p. 299–323, 2023.

JONES, Ben. Casual culture and football hooligan autobiographies: popular memory, working-class men and racialised masculinities in deindustrialising Britain, 1970s–1990s. *Contemporary British History*, v. 38, n. 1, p. 95–117, 2024.

LAGO, Alessandro dal; BIASI, Rocco de. Italian football fans: culture and organization. In: GIULIANOTTI, Richard (ed.). *Football, Violence and Social Identity*. London and New York: Routledge, 1994. p. 73–89.

MARCELINO, Valentina. Claques: o retrato da PSP e os crimes de uma guerra com poucas tréguas. *Diário de Notícias*, 16 dez. 2018. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/claques-o-retrato-da-psp-e-os-crimes-de-uma-guerra-com-poucas-treguas-10327970.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 26 abr. 2026.

MARIVOET, Salomé. Violência nos espectáculos de futebol. *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 12, p. 137-153, 1992.

MARIVOET, Salomé. Violent disturbances in Portuguese Football. In: DUNNING, Eric *et al.* (eds.). *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press, 2002. p. 158-173.

MARQUES, Margarida; MANUEL, Fátima; MAIA, Paula. *O envolvimento juvenil nas claqueas do futebol: o caso da Juve Leo*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral dos Desportos, 1988.

MATOS, Rogério. “Casual” dos No Name Boys condenado a nove anos e meio de prisão por violar rapaz de 16 anos. *Jornal de Notícias*, 28 jan. 2025. Disponível em: https://www.jn.pt/justica/artigo/-dos-no-name-boys-condenado-a-nove-anos-e-meio-de-prisao-por-violar-razap-de-16-anos/17842966?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

MORTE de adepto leonino de madrugada mancha dérbi de Lisboa. *Diário de Notícias*, Lisboa, 23 abr. 2017. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/morte-de-adepto-leonino-de-madrugada-mancha-derbi-de-lisboa-6238451.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

“O MP está a investigar os factos ocorridos em Alcochete”. *Diário de Notícias*, 15 maio 2018b. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/sporting-ministerio-publico-investiga-factos-ocorridos-na-academia-dos-leoes-9344783.html?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

OPERAÇÃO Pretoriano. Fernando Madureira condenado a três anos e nove meses de prisão efetiva. *RTP – Radio Televisão Portuguesa*, Lisboa, 1.º ago. 2025. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/futebol-nacional/operacao-pretoriano-fernando-madureira-condenado-a-tres-anos-e-nove-meses-de-prisao-efetiva_d1673257. Acesso em: 25 abr. 2026.

OS HOMENS da curva norte. *Correio da Manhã*, Lisboa, 10 jul. 2002. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/desporto/detalhe/os-homens-da-curva-norte?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 abr. 2026.

PEREIRA, Luís Miguel. *Dicionário do Futebol: Manual do Adepto*. Lisboa: Booktree, 2002.

PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The Ultras, Racism and Football Culture in Italy. In: BROWN, Adam. *Fanatics! Power, identity and fandom in football*. London and New York: Routledge, 1998. p. 88-100.

REDHEAD, Steve. Soccer casuals: a slight return of youth culture. *International Journal of Child, Youth and Family Studies*, v. 3, n. 1, p. 65-82, 2012.

RIBEIRO, Abílio T. Três suspeitos detidos após ataque a adeptos do F. C. Porto em Lisboa. *Jornal de Notícias*, 10 jun. 2025. Disponível em: <https://www.jn.pt/desporto/artigo/tres-suspeitos-detidos-apos-ataque-a-adeptos-do-f-c-porto-em-lisboa/17754786>. Acesso em: 26 abr. 2026.

ROVERSI, António; BALESTRI, Carlo. Italian ultras today: change or decline?. In: DUNNING, Eric et al. (eds.). *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: University College Dublin Press, 2002. p. 131-142.

SANTOS, António Costa. *Era proibido*. Lisboa: Guerra & Paz, 2019.

SEABRA, Daniel. *Claques de futebol: o teatro das nossas realidades*. Porto: Edições Afrontamento, 2019.

THORNTON, Phil. *Casual: Football, fighting and fashion – The story of a terrace cult*. Liverpool: Milo Books Ltd., 2003.

VITORINO, Sérgio A. 124 detidos em confrontos entre adeptos do Sporting e Benfica antes de jogo de futsal. *Correio da Manhã*, 19 fev. 2026. Disponível em: https://www.cmjornal.pt/desporto/modalidades/detalhe/adeptos-do-sporting-e-benfica-em-confrontos-antes-de-jogo-de-futsal?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 27 abr. 2026.